

A visão que não se tem e o olhar que se quer



Fonte:

<https://medium.com/libros-y-buenas-lecturas/lupa-o-espejo-c341529a77c1>

Descrição: lupa com armação preta em cima de um livro aberto.

2021

Autora: Lauren Bentes de Azevedo Prates

Orientadora: Profa. Dra. Cristine Roberta Piassetta Xavier

AUTORA: LAUREN BENTES DE AZEVEDO PRATES

ORIENTADORA: Profa. Dra. CRISTINE ROBERTA PIASSETTA XAVIER

A VISÃO QUE NÃO SE TEM E O OLHAR QUE SE QUER

**MANUAL DE ORIENTAÇÕES SOBRE A INCLUSÃO DE
ESTUDANTES COM BAIXA VISÃO**

1ª EDIÇÃO

FLORIANÓPOLIS, 2021

Dados da Catalogação na Publicação
Instituto Federal do Paraná
Biblioteca do Campus Curitiba

P895 Prates, Lauren Bentes de Azevedo

A visão que não se tem e o olhar que se quer / Lauren Bentes de Azevedo Prates ; Cristine Roberta P. Xavier – Curitiba: Instituto Federal do Paraná, 2021. - 101 p. : il. color.

ISBN: 978-65-00-41602-2

1. Educação profissional. 2. Educação inclusiva. 3. Baixa visão. I. Xavier, Cristine Roberta P. II. Institutos Federais. Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica. III. ProfEPT. IV. Título

CDD: 23. ed. - 370

A VISÃO QUE NÃO SE TEM E O OLHAR QUE SE QUER

MANUAL DE ORIENTAÇÕES SOBRE A INCLUSÃO DE ESTUDANTES COM BAIXA VISÃO

Copyright © 2021. Lauren Bentes de Azevedo Prates. Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste material pode ser reproduzida ou transmitida de alguma forma nem por qualquer meio

mecânico, incluindo fotocópia, gravação ou qualquer sistema de armazenamento de informação sem autorização expressa da autora.

INSTITUTO FEDERAL DO PARANÁ – IFPR

MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO PROFISSIONAL

E TECNOLÓGICA – ProfEPT

Projeto Gráfico e Diagramação – Autoria Própria

Revisora de Textos – Fabíola Barreto Gonçalves

Lauren Bentes de Azevedo Prates

lauren.prates@ifc.edu.br

Sumário

Apresentação	7
Sobre nós	11
A visão que não se tem e o olhar que se quer	14
Educação Especial na perspectiva inclusiva	20
Quais são os direitos das pessoas com baixa visão?.....	25
Atendimento Educacional Especializado	32
Atendimento Educacional Especializado Específico para baixa visão.....	38
Recursos ópticos, não ópticos e tecnológicos para baixa visão.....	44
Sala de aula: como agir?	52

Orientações pedagógicas	57
Adaptações curriculares	63
Ações inclusivas no IFSC	75
Reflexões	79
Contatos	85
Referências	83

Apresentação

A visão que não se tem e o olhar que se quer

Manual de orientações sobre a Inclusão de estudantes com baixa visão 7

O Manual de orientações sobre a inclusão de estudantes com baixa visão e/ou com visão monocular – *A visão que não se tem e o olhar que se quer* – é um produto educacional desenvolvido a partir da trajetória vivenciada no Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT) do IFPR. Este produto educacional foi norteado pelas referências bibliográficas estudadas no decorrer do mestrado e, principalmente, pela participação na pesquisa da estudante com baixa visão, dos docentes dessa estudante e dos profissionais atuantes no Núcleo

A visão que não se tem e o olhar que se quer

Manual de orientações sobre a Inclusão de estudantes com baixa visão 8

de Acessibilidade Educacional (NAE), formada por uma professora do AEE e servidores técnico-administrativos.

Partindo da concepção de educação especial na perspectiva inclusiva, a essência desta construção é promover a reflexão de todos, abarcando toda a comunidade escolar quanto ao processo inclusivo de estudantes com baixa visão, a partir de um olhar humanizador e omnilateral, termo utilizado no “sentido de formar o ser humano na sua integralidade física, mental, cultural, política e científico-tecnológica” (FRIGOTTO; CIAVATTA, 2011, p. 626), enfatizando a importância de pensar as diferenças como

A visão que não se tem e o olhar que se quer

Manual de orientações sobre a Inclusão de estudantes com baixa visão 9

movimento dialógico que enriqueça as práticas educativas, dentro e fora da sala de aula.

“Conhecer as especificidades decorrentes da deficiência visual, ter à disposição recursos de Tecnologia Assistiva, bem como cursos de formação no sentido da educação na perspectiva inclusiva, são ações fundamentais no caminho para a inclusão. No entanto, o diálogo com a pessoa com deficiência, considerada em sua individualidade, necessidades e potencialidades singulares, torna-se indispensável durante todo o processo de ensino e aprendizagem” (LIMA; MEDEIROS NETA, 2020, p. 44).

A visão que não se tem e o olhar que se quer

Manual de orientações sobre a Inclusão de estudantes com baixa visão 10



Sobre nós

A visão que não se tem e o olhar que se quer

Manual de orientações sobre a Inclusão de estudantes com baixa visão ¹¹

Vídeo 1 – Depoimento da estudante com baixa visão Taís Souza Bonomi



Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=4s_aMwlandk

Descrição: foto de Taís, jovem, branca, olhos castanhos, com cabelos compridos castanhos, com franja. Ela usa óculos de grau e está vestindo uma blusa laranja e tem um cordão preto no pescoço com um pingente preto. Está sentada em uma sala, de costas para o computador, que está ligado. Na tela, aparece uma página da internet.

A visão que não se tem e o olhar que se quer

Manual de orientações sobre a Inclusão de estudantes com baixa visão 12

“O movimento mundial pela inclusão é uma ação política, cultural, social e pedagógica, desencadeada em defesa do direito de todos os alunos de estarem juntos, aprendendo e participando, sem nenhum tipo de discriminação. A educação inclusiva constitui um paradigma educacional fundamentado na concepção de direitos humanos, que conjuga igualdade e diferença como valores indissociáveis, e que avança em relação à ideia de equidade formal ao contextualizar as circunstâncias históricas da produção da exclusão dentro e fora da escola” (Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva Inclusiva, 2008, p. 5).

A visão que não se tem e o olhar que se quer

Manual de orientações sobre a Inclusão de estudantes com baixa visão 13

A visão que não se tem e o olhar que se quer

A visão que não se tem e o olhar que se quer

Manual de orientações sobre a Inclusão de estudantes com baixa visão ¹⁴

As limitações ocasionadas pelas barreiras impostas pela sociedade não apagam as outras potencialidades que o sujeito tem. Da forma como a sociedade está organizada, dificilmente haverá possibilidade de participação plena de todos os atores sociais e essa é uma preocupação.

A deficiência que a pessoa apresenta faz parte do conjunto de outras características que a identificam. A pessoa com deficiência não pode ser diminuída pelas suas limitações, mas ser motivada a buscar outras possibilidades de desenvolvimento pessoal e profissional. Para isso, é preciso

A visão que não se tem e o olhar que se quer

disponibilizar recursos, fazer adaptações, quando necessárias, de forma que suas necessidades sejam atendidas e lhe sejam propiciados meios para que possa participar de diferentes atividades diárias como as demais pessoas sem deficiência, entre elas, estudar. Trata-se de direitos como cidadão/cidadã.

O olhar para a diversidade, em suas inúmeras formas de ser e de estar como ser social, exige mudanças de pensamento e atitudes. Somos seres únicos, com diferentes histórias. Somos bem mais do que os rótulos sociais impostos.

A visão que não se tem e o olhar que se quer

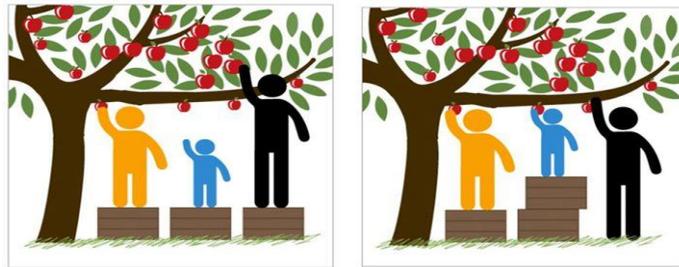
Como haveria trocas entre as pessoas se todos fossem iguais? Viva à diferença!

A inclusão de pessoas com deficiência em diferentes espaços e lugares é importantíssima para que possam se desenvolver, trabalhar, ter autonomia, como qualquer outra pessoa. No entanto, a inclusão depende de todos nós, das nossas atitudes e da compreensão de que todos temos os mesmos direitos e devemos ser respeitados. A inclusão depende do nosso olhar e da nossa atitude!

A visão que não se tem e o olhar que se quer

Manual de orientações sobre a Inclusão de estudantes com baixa visão 17

Figura 1 – Igualdade x Equidade



Fonte: <https://soumaissus.blogspot.com/2016/01/a-diretriz-da-municipalizacao-e-os.html>

Descrição: figura dividida em dois quadros, em cada um, há três silhuetas humanas colhendo frutas em uma árvore. A silhueta amarela possui estatura mediana, a azul possui estatura baixa e a preta possui estatura alta. No quadro à esquerda, as três silhuetas estão cada uma sobre uma caixa com dimensões iguais. A silhueta com estatura alta alcança as frutas na árvore, a com estatura mediana alcança as frutas mais na parte inferior da copa e a estatura baixa não alcança as frutas na árvore. No quadro à

A visão que não se tem e o olhar que se quer

Manual de orientações sobre a Inclusão de estudantes com baixa visão 18

direita, a silhueta alta está com os pés no chão, a de estatura mediana está sobre uma caixa e a de estatura baixa está sobre duas caixas, permitindo que todas alcancem as frutas na árvore.

“A presença e a garantia de condições quanto à acessibilidade (atitudinal, arquitetônica, metodológica), para que estudantes com deficiência visual concluam seus estudos com êxito, em Instituições de Educação Profissional, promovem também oportunidades para reflexão e valorização de práticas de ensino, que considerem como princípio o respeito à diversidade e valorização da pessoa humana, em todas as suas especificidades” (LIMA; MEDEIROS NETA, 2020, p. 51).

A visão que não se tem e o olhar que se quer

Educação Especial na Perspectiva Inclusiva

A visão que não se tem e o olhar que se quer

Manual de orientações sobre a Inclusão de estudantes com baixa visão 20

A educação especial na perspectiva inclusiva é entendida como suporte para a inclusão de estudante com deficiência, perpassando por diferentes níveis e modalidades de ensino. A partir da educação especial, na perspectiva da educação inclusiva, é possível oportunizar a convivência entre todos os sujeitos, com ou sem deficiência, em diferentes momentos, de forma a promover a descoberta de outras possibilidades, de outras formas de perceber e de (re)pensar um mundo diferente, mais justo. No entanto, a segregação de diferentes grupos

A visão que não se tem e o olhar que se quer

Manual de orientações sobre a Inclusão de estudantes com baixa visão 21

sociais não auxilia socialmente, dificultando que as pessoas se conheçam e possam vivenciar novas experiências.

O ser diferente remete à ideia de não estar nos padrões definidos socialmente. Mas, todos somos diferentes. Ser diferente é normal!

Um pensamento comum é acreditar que as pessoas com deficiência são incapazes de produzir, a partir de uma lógica de patologização. Na educação inclusiva, pontua-se que os maiores obstáculos são sociais e atitudinais, diretamente relacionados com a concepção de homem e sociedade.

A visão que não se tem e o olhar que se quer

“Inclusão é uma prática social que se aplica no trabalho, na arquitetura, no lazer, na educação, na cultura, mas, principalmente na atitude e no perceber das coisas, de si e do outrem” (CAMARGO, 2017, p. 1).

A visão que não se tem e o olhar que se quer

Manual de orientações sobre a Inclusão de estudantes com baixa visão 23

Figura 2 – Educação Especial na Escola Regular



Fonte: <http://comolidarcomalunosespecias.blogspot.com/p/tirinhas-sobre-nee.html>

Descrição: cartum em preto e branco que mostra um professor escrevendo no quadro negro, de costas para a turma. O professor diz: “A prova é amanhã! Veja bem... ouça... olhe”. Na sala, há estudantes cegos, surdos.

A visão que não se tem e o olhar que se quer

Manual de orientações sobre a Inclusão de estudantes com baixa visão ²⁴

Quais são os direitos das pessoas com baixa visão?

A visão que não se tem e o olhar que se quer

Manual de orientações sobre a Inclusão de estudantes com baixa visão 25

No decorrer da história, muitas lutas foram travadas em prol dos direitos das pessoas com deficiência. No contexto atual, abordamos as principais legislações, marcos importantíssimos que garantem legalmente os direitos à acessibilidade e outros, refletindo a concepção de sociedade e de homem que foi alterada e ditada, principalmente pelo modelo econômico vigente. As políticas públicas citadas abrangem também as pessoas com baixa visão e/ou com visão monocular.

A visão que não se tem e o olhar que se quer

Manual de orientações sobre a Inclusão de estudantes com baixa visão 26

Principais Políticas Públicas Inclusivas:

1994 – Declaração de Salamanca. Princípios, políticas e práticas na área de necessidades educacionais especiais. Foi concebida como uma Conferência Mundial em Educação Especial, organizada pelo governo da Espanha em cooperação com a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco).

1996 – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – Lei nº 9.394 (BRASIL, 1996). A referida legislação define, no seu art. 58, a educação especial como uma “modalidade de educação escolar,

A visão que não se tem e o olhar que se quer

Manual de orientações sobre a Inclusão de estudantes com baixa visão 27

oferecida preferencialmente na rede regular de ensino, para educandos que apresentam necessidades educacionais especiais”.

2005 – Programa de Acessibilidade na Educação Superior (Incluir), implementado em 2005, tem como objetivo desenvolver e alavancar políticas institucionais para a acessibilidade de pessoas com deficiência nas Instituições Públicas Federais de Educação Superior (Ifes).

A visão que não se tem e o olhar que se quer

Manual de orientações sobre a Inclusão de estudantes com baixa visão 28

2008 – A Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva define a educação especial como modalidade de ensino que perpassa todos os níveis de educação básica, destacando ainda a importância do atendimento especializado e atuação de modo transversal, ou seja, a educação especial perpassa por todos os níveis de ensino.

2009 – Decreto nº 6.949, de 25 de agosto de 2009, promulga a Convenção Internacional sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência e seu Protocolo Facultativo, assinados em Nova York, em 30 de março de 2007.

A visão que não se tem e o olhar que se quer

Manual de orientações sobre a Inclusão de estudantes com baixa visão 29

2011 – Decreto nº 7.611, de 17 de novembro de 2011, dispõe sobre a educação especial, o atendimento educacional especializado e dá outras providências.

2015 – Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015, Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência, conhecida também como Estatuto da Pessoa com Deficiência, afirmou a autonomia e a capacidade desses cidadãos para exercerem atos da vida civil em condições de igualdade com as demais pessoas.

A visão que não se tem e o olhar que se quer

Manual de orientações sobre a Inclusão de estudantes com baixa visão 30

2016 – Lei nº 13.409, de 28 de dezembro de 2016, dispõe sobre a reserva de vagas para pessoas com deficiência nos cursos técnicos de nível médio e superior das instituições federais de ensino.

2021 – Lei nº 14.126, de 22 de março de 2021, classifica a visão monocular como deficiência sensorial do tipo visual.

A visão que não se tem e o olhar que se quer

Manual de orientações sobre a Inclusão de estudantes com baixa visão ³¹

Atendimento Educacional Especializado

A visão que não se tem e o olhar que se quer

Manual de orientações sobre a Inclusão de estudantes com baixa visão ³²

A Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva Inclusiva, conforme visto na página 12 deste Manual, ressalta a importância do Atendimento Educacional Especializado (AEE) em todos os níveis de ensino.

A Resolução nº 04, de 2 de outubro de 2009, institui diretrizes operacionais para o Atendimento Educacional Especializado na Educação Básica, modalidade Educação Especial. O art. 2º da resolução citada, destaca:

A visão que não se tem e o olhar que se quer

Manual de orientações sobre a Inclusão de estudantes com baixa visão 33

O AEE tem como função complementar ou suplementar a formação do aluno por meio da disponibilização de serviços, recursos de acessibilidade e estratégias que eliminem as barreiras para sua plena participação na sociedade e desenvolvimento de sua aprendizagem.

Parágrafo Único. Para fins dessas diretrizes, consideram-se recursos de acessibilidade na educação aqueles que asseguram condições de acesso ao currículo dos alunos com deficiência ou mobilidade reduzida, promovendo a utilização dos materiais

A visão que não se tem e o olhar que se quer

Manual de orientações sobre a Inclusão de estudantes com baixa visão ³⁴

didáticos e pedagógicos, dos espaços, dos mobiliários e equipamentos, dos sistemas de comunicação e informação, dos transportes e dos demais serviços.

Mas, quem são os estudantes público-alvo do AEE? A definição é clara no art. 4º, da Resolução nº 04, de 2 de outubro de 2009:

I – Alunos com deficiência: aqueles que têm impedimentos de longo prazo de natureza física, intelectual, mental ou sensorial.

A visão que não se tem e o olhar que se quer

Manual de orientações sobre a Inclusão de estudantes com baixa visão 35

II – Alunos com transtornos globais do desenvolvimento: aqueles que apresentam um quadro de alterações no desenvolvimento neuropsicomotor, comprometimento nas relações sociais, na comunicação ou estereotípias motoras. Incluem-se nessa definição alunos com autismo clássico, síndrome de Asperger, síndrome de Rett, transtorno desintegrativo da infância (psicoses) e transtornos invasivos sem outra especificação.

A visão que não se tem e o olhar que se quer

Manual de orientações sobre a Inclusão de estudantes com baixa visão ³⁶

III – Alunos com altas habilidades/superdotação:
aqueles que apresentam um potencial elevado e grande envolvimento com as áreas do conhecimento humano, isoladas ou combinadas: intelectual, liderança, psicomotora, artes e criatividade.

“Toda a pessoa com deficiência tem direito à igualdade de oportunidades com as demais pessoas e não sofrerá nenhuma espécie de discriminação” (art. 4º, Capítulo II, da Lei nº 13.146 de 6 de julho de 2015).

A visão que não se tem e o olhar que se quer

Manual de orientações sobre a Inclusão de estudantes com baixa visão 37

Atendimento Educacional Especializado

Específico para baixa visão

A visão que não se tem e o olhar que se quer

Manual de orientações sobre a Inclusão de estudantes com baixa visão 38

O Atendimento Educacional Especializado Específico para Baixa Visão busca promover ações educativas que possam desenvolver a visão residual dos estudantes com tais características. Nessa perspectiva,

[...] o trabalho com o estudante que tem baixa visão precisa ser altamente personalizado devido às diferenças individuais e às diferentes formas de intervenção, ou seja, esses estudantes apresentam

A visão que não se tem e o olhar que se quer

Manual de orientações sobre a Inclusão de estudantes com baixa visão 39

diferenças no modo de utilizar a visão e nos recursos e adequações de materiais que necessitam. A autora ressalta, ainda, que a baixa visão não é estática, pois há vários fatores que interferem no funcionamento visual: cansaço; uso de medicamentos; ansiedade; estresse; alterações ambientais (dias nublados ou chuvosos), físicas ou emocionais que podem alterar o desempenho visual (GAPARETTO *apud* ALMEIDA; TILLMANN, 2021).

A visão que não se tem e o olhar que se quer

Manual de orientações sobre a Inclusão de estudantes com baixa visão 40

A Avaliação Funcional da Visão e Estimulação Visual são atendimentos feitos pela equipe do AEE, que muito auxiliam na utilização da visão reduzida. A esse respeito,

é por meio da Avaliação Funcional da Visão que nós, professoras que trabalhamos com o estudante com baixa visão, tentamos compreender como ele utiliza a visão e o que podemos oferecer em termos de auxílios e exercícios para que ele melhore a eficiência visual, com o máximo de conforto possível, na utilização de sua visão residual. Já a Estimulação Visual ou

A visão que não se tem e o olhar que se quer

Manual de orientações sobre a Inclusão de estudantes com baixa visão 41

Educação Visual é uma ação pedagógica que visa promover o desenvolvimento funcional da visão em pessoas com baixa visão, através de um processo sequencial, sistemático e gradativo de estimulação visual, conduzindo à aprendizagem de ver (ALMEIDA; TILLMANN, 2021).

Em face do exposto, reforça-se a necessidade de avaliação, estímulo e ações pedagógicas desenvolvidas pela Equipe do AEE a partir da individualidade de cada estudante com baixa visão.

A visão que não se tem e o olhar que se quer

Manual de orientações sobre a Inclusão de estudantes com baixa visão 42

Figura 3 – Baixa Visão



Fonte: <http://espacoaee.blogspot.com/2011/06/baixa-visao.html>

Descrição: fotografia de menino com baixa visão, usando fones de ouvidos, óculos de lentes grossas, fazendo uma prova impressa com a fonte do texto ampliada, em cima de uma mesa plana, no formato redondo. Sua cabeça está posicionada bem próximo do papel.

A visão que não se tem e o olhar que se quer

Manual de orientações sobre a Inclusão de estudantes com baixa visão 43

Recursos ópticos, não ópticos e tecnológicos para baixa visão

A visão que não se tem e o olhar que se quer

Manual de orientações sobre a Inclusão de estudantes com baixa visão ⁴⁴

Os recursos ópticos, não ópticos e tecnológicos podem auxiliar os estudantes com baixa visão nos processos de leitura e escrita (CAVALCANTE, 1995 *apud* ALMEIDA; TILLMANN, 2021). Os mesmos autores pontuam:

Os auxílios ópticos consistem em lentes que possibilitam o aumento das imagens. Essas lentes são prescritas somente pelo oftalmologista. Existem lentes para perto e para longe. Para as lentes para perto, há manuais e as de apoio. Tanto as lentes para perto quanto as lentes para longe restringem o campo visual.

A visão que não se tem e o olhar que se quer

Manual de orientações sobre a Inclusão de estudantes com baixa visão 45

Isso significa que a visão do texto fica restrita apenas ao que a lente alcança. Para melhorar a visão a distância, são utilizados sistemas telescópicos (telelupas) que podem ser monoculares (em um olho) ou binoculares (nos dois olhos). Geralmente, são monoculares e presas ao pescoço do estudante por um cordão. São utilizadas para observar o quadro, assistir à TV, reconhecer ônibus ou pessoas. Há também a possibilidade de se adicionar aos recursos ópticos lentes filtrantes que diminuem o reflexo de luz

A visão que não se tem e o olhar que se quer

Manual de orientações sobre a Inclusão de estudantes com baixa visão 46

oferecendo mais conforto e eficiência (ALMEIDA; TILLMANN, 2021).

Os auxílios não ópticos são os recursos que não utilizam lentes para melhorar o desempenho visual, tais como: iluminação adequada; apoio adequado para leitura e escrita (estante de leitura e material que permita aproximação para a escrita sem prejudicar a postura); cadernos com pautas ampliadas; lápis 3B ou 6B; canetas hidrográficas que permitem maior contraste; livros didáticos com tipos ampliados; guia de

A visão que não se tem e o olhar que se quer

Manual de orientações sobre a Inclusão de estudantes com baixa visão ⁴⁷

leitura que pode ser uma régua para marcar a linha ou uma cartolina preta com uma abertura no centro, que serve para destacar uma ou mais linhas; chapéus e bonés ajudam a diminuir o reflexo da luz em ambientes externos.

Nossas experiências prático-profissionais nos fizeram perceber que esses materiais podem contribuir para a utilização da visão com mais conforto, pois o estudante não precisa se esforçar tanto para enxergar a própria letra, devido ao contraste melhor de canetas e lápis

A visão que não se tem e o olhar que se quer

especiais utilizados. Livros com ampliação adequada permitem uma leitura com conforto, sem mal-estar nem estresse visual. O controle da iluminação evita o ofuscamento com o excesso ou dificuldade com a falta dela. As pautas ampliadas favorecem a visualização das linhas e permitem, além do conforto, uma estética melhor do material de escrita manual. O boné protege contra o excesso de luz; os guias de leitura auxiliam o desenvolvimento da atividade sem que o aluno se perca

A visão que não se tem e o olhar que se quer

Manual de orientações sobre a Inclusão de estudantes com baixa visão 49

em meio a tantas letras juntas (ALMEIDA; TILLMANN, 2021).

Os auxílios eletrônicos ou tecnológicos: *Closed Circuit Television* (CCTV), sistema de circuito fechado de televisão. Esse recurso aumenta o tamanho e o contraste de objetos, das letras e das palavras, que são projetados em um monitor especial. O computador, além de não ser prejudicial, permite a aproximação tanto da tela quanto do teclado, bem como há a possibilidade de aumentar o tamanho da letra e

A visão que não se tem e o olhar que se quer

Manual de orientações sobre a Inclusão de estudantes com baixa visão 50

melhorar o contraste. Se a visão for muito reduzida, podem ser utilizados recursos para leitura da tela, como NonVisual Desktop Access (NVDA)¹, Virtual vision, doxvox (ALMEIDA; TILLMANN, 2021).

¹ É uma plataforma para a leitura de tela, um programa em código aberto que vai “ler” o Windows para facilitar a inclusão digital. Mais informações disponíveis em: <https://www.ibatiba.es.gov.br/pagina/ler/2078/acessibilidade-leitor-de-tela-nvda>.

A visão que não se tem e o olhar que se quer

Manual de orientações sobre a Inclusão de estudantes com baixa visão ⁵¹

Sala de aula: como agir?

A visão que não se tem e o olhar que se quer

Manual de orientações sobre a Inclusão de estudantes com baixa visão 52

A baixa visão nem sempre é percebível e, muitas vezes, a deficiência é escondida pela pessoa. O estudante com visão monocular, geralmente, apresenta um estrabismo no olho que não enxerga. Se não foi realizada cirurgia para tal correção, a deficiência é mais explícita.

Segundo Sá, Campos e Silva (2007), é preciso observar algumas ações dos estudantes que possam sinalizar a deficiência visual:

É necessário conhecer e identificar, por meio da observação contínua, alguns sinais ou sintomas físicos

A visão que não se tem e o olhar que se quer

Manual de orientações sobre a Inclusão de estudantes com baixa visão 53

característicos e condutas frequentes, tais como: tentar remover manchas, esfregar excessivamente os olhos, franzir a testa, fechar e cobrir um dos olhos, balançar a cabeça ou movê-la para frente ao olhar para um objeto próximo ou distante, levantar para ler o que está escrito no quadro negro, em cartazes ou mapas, copiar do quadro negro faltando letras, tendência de trocar palavras e mesclar sílabas, dificuldade na leitura ou em outro trabalho que exija o uso concentrado dos olhos, piscar mais que o habitual, chorar com frequência ou

A visão que não se tem e o olhar que se quer

Manual de orientações sobre a Inclusão de estudantes com baixa visão 54

irritar-se com a execução de tarefas, tropeçar ou cambalear diante de pequenos objetos, aproximar livros ou objetos miúdos para bem perto dos olhos, desconforto ou intolerância à claridade. Esses alunos costumam trocar a posição do livro e perder a sequência das linhas em uma página ou mesclar letras semelhantes. Eles demonstram falta de interesse ou dificuldade em participar de jogos que exijam visão de distância (SÁ; CAMPOS; SILVA, 2007, p. 18).

A visão que não se tem e o olhar que se quer

Manual de orientações sobre a Inclusão de estudantes com baixa visão 55

Os estudantes que apresentarem comportamentos que demonstrem dificuldades de enxergar, conforme citado, devem ser conduzidos para a Equipe do Núcleo de Acessibilidade Educacional (NAE), que trabalha para que seja feito o acompanhamento pedagógico do estudante, com a família e a escola, articulando estratégias de permanência e a conclusão do curso escolhido em diferentes espaços educacionais.

A visão que não se tem e o olhar que se quer

Manual de orientações sobre a Inclusão de estudantes com baixa visão 56

Orientações pedagógicas

A visão que não se tem e o olhar que se quer

Manual de orientações sobre a Inclusão de estudantes com baixa visão 57

As autoras Almeida, Tillmann e Noronha (2019) organizaram os protocolos inclusivos – atividades remotas destinadas a estudantes acompanhados no Atendimento Educacional Especializado no Instituto Federal Catarinense – nos quais constam, dentre outras informações, algumas orientações pedagógicas importantes referentes a estudantes com baixa visão, a saber:

- Enviar arquivos editáveis por e-mail, a fim de que possam ser ampliados e/ou as fontes reforçadas em negrito, conforme a necessidade do/da estudante.

A visão que não se tem e o olhar que se quer

- Evitar excesso de texto em uma única página, textos em colunas e com espaço menor que 1 e 1/2 entre as linhas, além de textos digitalizados.
- Destacar e separar títulos do restante do texto, bem como questões de alternativas propostas em atividades objetivas, avaliativas ou não.
- Possibilitar tempo adicional para realização e entrega de atividades, visto que o/a estudante com baixa visão pode sentir cansaço visual após poucos minutos de fixação para leitura e

A visão que não se tem e o olhar que se quer

escrita, sendo necessário intercalar pausas durante essas atividades.

- Disponibilizar gravações em áudio dos conteúdos desenvolvidos para que sejam acessados em momentos de pausas das fixações visuais ou mesmo substituindo a leitura na tela ou no papel.
- Utilizar apresentações de slides, optando por fundo branco e letra preta ou vice-versa; poucas informações em cada slide e fontes

A visão que não se tem e o olhar que se quer

simples, sem serifa², como Arial ou Verdana, com tamanho acima de 32.

- Ter cautela na seleção de imagens, gráficos, tabelas, mapas, quadrinhos, charges, entre outros, pois imagens muito complexas, carregadas de detalhes, podem não ser interpretadas adequadamente por estudantes com baixa visão, sendo

² Pequeno traço, barriga ou prolongamento, que está presente no fim das hastes das letras. Mais informações disponíveis em: <https://www.futuraexpress.com.br/blog/fontes-com-serifa/>.

A visão que não se tem e o olhar que se quer

necessário disponibilizar audiodescrição, atentando-se às regras para realizá-la.

- Estruturar atividades avaliativas conforme necessidades dos/das estudantes com baixa visão e orientações do/da docente de AEE.
- Seguir as recomendações de acessibilidade para as páginas da *web*, ambiente virtual de aprendizagem, favorecendo, assim, a compreensão e a navegação.
- Encaminhar as atividades disponibilizadas no ambiente virtual também por e-mail, pois se houver dificuldades em relação ao primeiro, há outra possibilidade de acesso ao material.

A visão que não se tem e o olhar que se quer

Adaptações curriculares

A visão que não se tem e o olhar que se quer

Manual de orientações sobre a Inclusão de estudantes com baixa visão ⁶³

As adaptações curriculares são formas de flexibilização para fins de apropriar o currículo, no intuito de que o/a estudante consiga ser inserido(a) no processo de ensino e de aprendizagem, não significando que terá acesso restrito aos conteúdos em relação aos demais. Tal processo deveria ser uma prática educativa para todos os estudantes, com ou sem deficiência.

Os diferentes tipos, níveis e categorias de adaptações curriculares são (BRASIL, 1998):

A visão que não se tem e o olhar que se quer

Manual de orientações sobre a Inclusão de estudantes com baixa visão 64

Tipos de adaptações curriculares

Não significativas ou de pequeno porte – são as modificações menores que o professor consegue realizar com facilidade no seu planejamento. Trata-se de pequenos ajustes nas atividades da sala de aula, constituindo a maioria das adaptações realizadas nas instituições de ensino, por exemplo:

Organizativas – dizem respeito à organização das atividades em sala de aula. Podem ser relativas a:

A visão que não se tem e o olhar que se quer

Manual de orientações sobre a Inclusão de estudantes com baixa visão 65

- agrupamentos de estudantes;
- organização didática;
- organização do espaço.

Relativas aos objetivos e conteúdos – o que ensinar:

- priorização de áreas/unidades/tipos de conteúdos; objetivos;
- sequenciação: sequência de tarefas da menos para a mais complexa;
- eliminação de conteúdos secundários.

A visão que não se tem e o olhar que se quer

Manual de orientações sobre a Inclusão de estudantes com baixa visão 66

Avaliativas – como avaliar:

- adaptação de técnicas e instrumentos;
- modificação de técnicas e instrumentos.

Nos procedimentos didáticos e nas atividades – como ensinar:

- modificação de procedimentos;
- introdução de atividades alternativas e/ou complementares às previstas;
- modificação do nível de complexidade das atividades;

A visão que não se tem e o olhar que se quer

Manual de orientações sobre a Inclusão de estudantes com baixa visão 67

- eliminação de componentes;
- sequenciação de tarefas;
- facilitação de planos de ação (explicitar os passos);
- adaptação de materiais.

Temporalidade – ajuste temporal previsto para atividades ou conteúdos; modificação de tempo para que determinados objetivos e conteúdos previstos sejam alcançados.

A visão que não se tem e o olhar que se quer

Manual de orientações sobre a Inclusão de estudantes com baixa visão 68

Significativas ou de grande porte:

Relativas aos objetivos e conteúdos:

- eliminação de objetivos ou conteúdos básicos do currículo;
- introdução de objetivos ou conteúdos específicos, complementares ou alternativos.

Avaliativas:

- introdução de critérios específicos de avaliação;
- eliminação de critérios gerais de avaliação;

A visão que não se tem e o olhar que se quer

Manual de orientações sobre a Inclusão de estudantes com baixa visão 69

- adaptação de critérios regulares de avaliação;
- modificação dos critérios de promoção.

Metodologia e organização didática – modificação expressiva no planejamento da atuação docente:

- introdução de atividades prévias, de métodos ou procedimentos complementares e/ou alternativos de ensino e aprendizagem;
- introdução de recursos específicos de acesso ao currículo;
- alteração na organização didática.

A visão que não se tem e o olhar que se quer

Manual de orientações sobre a Inclusão de estudantes com baixa visão 70

Temporalidade – ajuste temporal previsto para atividades ou conteúdos, alteração no período para alcançar determinados períodos. Exemplo: prolongamento de um ano ou mais de permanência do aluno na mesma série/ciclo/disciplina.

Níveis de adaptações curriculares

No âmbito do Projeto Político-Pedagógico (Currículo Escolar): medidas de ajuste no currículo em geral (proposta pedagógica para educação inclusiva), foca a organização escolar e os serviços de

A visão que não se tem e o olhar que se quer

Manual de orientações sobre a Inclusão de estudantes com baixa visão 71

apoio especializados (AEE) (Decreto nº 7.611/11);
Ação Adaptativa Intencional (AAI).

No plano de aula: medidas realizadas pelo professor, visando à programação das atividades em sala de aula. Destacam o “Como fazer” – organização temporal dos componentes e dos conteúdos curriculares (BRASIL, 1998) (AAI).

No nível individual: estão ligadas geralmente às adaptações significativas do currículo. Podem ter

A visão que não se tem e o olhar que se quer

Manual de orientações sobre a Inclusão de estudantes com baixa visão 72

alterações na titulação do aluno – terminalidade específica.

Categorias de adaptações curriculares

Adaptações de acesso ao currículo: modificações nos elementos físicos (acessibilidade) e materiais de ensino (adaptação de materiais, uso de TA) e nos recursos pessoais do professor (com relação ao seu preparo para trabalhar com os alunos).

A visão que não se tem e o olhar que se quer

Manual de orientações sobre a Inclusão de estudantes com baixa visão 73

Adaptações nos elementos do currículo:
evidenciam formas de ensinar e avaliar. São adaptações metodológicas e didáticas dos conteúdos curriculares e avaliativos.

A visão que não se tem e o olhar que se quer

Manual de orientações sobre a Inclusão de estudantes com baixa visão 74

Ações inclusivas no IFSC

A visão que não se tem e o olhar que se quer

Manual de orientações sobre a Inclusão de estudantes com baixa visão 75

A Coordenadoria das Ações Inclusivas do IFSC (CAI) é um espaço institucional criado com o propósito de promover debates não apenas voltados para pessoas com deficiência:

A Coordenadoria de Ações Inclusivas do IFSC busca desenvolver um trabalho de colaboração para o aperfeiçoamento dos processos educativos, especialmente dos grupos sociais historicamente excluídos da educação, como os negros, pardos, indígenas e pessoas com deficiência. Promover a

A visão que não se tem e o olhar que se quer

Manual de orientações sobre a Inclusão de estudantes com baixa visão 76

ampliação de práticas pedagógicas que valorizem a diversidade e as diferenças na sala de aula é também a missão da Coordenadoria de Ações Inclusivas (INSTITUTO FEDERAL DE SANTA CATARINA, [2018?]).

Entre as ações presentes no CAI, cita-se o Laboratório de Tecnologia Assistiva (Labta), direcionado para “o uso dos estudantes do público-alvo da Educação Especial, produção e customização de materiais pedagógicos acessíveis e formação de servidores” e, o Núcleo de Acessibilidade Educacional,

A visão que não se tem e o olhar que se quer

Manual de orientações sobre a Inclusão de estudantes com baixa visão 77

antigo Núcleo de Atendimento de Pessoas com Necessidades Específicas (Napne).

O NAE é o setor que busca promover a inclusão dos estudantes público-alvo da educação especial que ingressam no IFSC (ingresso, acompanhamento, articulação entre diferentes setores e sujeitos envolvidos no processo de inclusão do estudante, entre eles, a família).

A equipe do NAE – Campus Florianópolis, atualmente, é composta por três servidoras (uma pedagoga, uma psicóloga e uma professora do AEE), que atuam de forma regionalizada.

A visão que não se tem e o olhar que se quer

Manual de orientações sobre a Inclusão de estudantes com baixa visão 78

Reflexões

A visão que não se tem e o olhar que se quer

Manual de orientações sobre a Inclusão de estudantes com baixa visão 79

As lutas travadas por diferentes pessoas, órgãos e organizações civis para que a pessoa com deficiência tenha os mesmos direitos que as sem deficiência, entre eles, direito à educação pública, gratuita e de qualidade, foram e continuam sendo um grande desafio.

Essa afirmação é baseada em todos os aspectos estudados nesta pesquisa, demonstrando que muitas questões que envolvem a inclusão, dentro e fora da escola, precisam estar presentes no rol das discussões em diferentes espaços.

A visão que não se tem e o olhar que se quer

Manual de orientações sobre a Inclusão de estudantes com baixa visão 80

O IFSC, como as demais instituições de ensino, tem como missão a inclusão de todos os estudantes, promovendo o acesso ao currículo, fortalecendo os setores que trabalham com inclusão dentro da escola, organizando formação continuada de maneira sistêmica a partir das demandas de dentro da sala, articulando os diferentes segmentos (estudantes, professores, servidores técnico-administrativos e família), para que o estudante, a partir da educação humanizadora e libertadora, consiga desenvolver suas potencialidades, ajudando a construir um mundo mais igualitário, justo e inclusivo.

A visão que não se tem e o olhar que se quer

Manual de orientações sobre a Inclusão de estudantes com baixa visão 81

Inclusão é movimento coletivo e de responsabilidade de todos nós! Inclusão é respeito pelo outro e pela diversidade!

A visão que não se tem e o olhar que se quer

Manual de orientações sobre a Inclusão de estudantes com baixa visão 82

Contatos:

Coordenadoria das Ações Inclusivas do IFSC (CAI)

cai@ifsc.edu.br

Laboratório de Tecnologia Assistiva (Labta)

labta.cerfead@ifsc.edu.br

Núcleo de Acessibilidade Educacional (NAE)

nae.fln@ifsc.edu.br

A visão que não se tem e o olhar que se quer

Manual de orientações sobre a Inclusão de estudantes com baixa visão 83

Referências

ALMEIDA, Judith Mara de Souza; TILLMANN, Luana. Atendimento Educacional Especializado para Estudantes com Baixa Visão de um Instituto Federal. *In: SEMINÁRIO REGIONAL SUL DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA*, 1., 2021, [s. l.] (on-line). **Anais** [...]. [S. l.] (on-line): [s.n.], 2021.

Disponível em:

<https://even3.blob.core.windows.net/anais/330724.pdf>. Acesso em: 16 nov. 2021.

ALMEIDA, Judith Mara de Souza; TILLMANN, Luana; NORONHA, Adriela Maria. **Protocolos Inclusivos** – Atividades Remotas Destinadas a Estudantes Acompanhados no Atendimento Educacional Especializado. Florianópolis: Instituto Federal Catarinense, 2019.

A visão que não se tem e o olhar que se quer

Manual de orientações sobre a Inclusão de estudantes com baixa visão 84

BRASIL. Ministério da Educação. **Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015**. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm. Acesso em: 1 maio 2021.

BRASIL. Ministério da Educação. **Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva**. 2008. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=16690-politica--nacional-de-edu-cacao-especial-na-perspectiva--da-educacao-inclusi-va-05122014&Itemid=30192. Acesso em: 13 fev. 2018.

A visão que não se tem e o olhar que se quer

Manual de orientações sobre a Inclusão de estudantes com baixa visão 85

BRASIL. Ministério da Educação. **Declaração de Salamanca** – Sobre Princípios, Políticas e Práticas na Área das Necessidades Educativas Especiais. 1994. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/salamanca.pdf>. Acesso em: 10 maio 2021.

BRASIL. Ministério da Educação. **Documento Orientador Programa Incluir** – Acessibilidade na Educação Superior. Brasília, DF: SECADI/SESU, 2013. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=12737-documento-orientador-programa-incluir-pdf&category_slug=marco-2013-pdf&Itemid=30192. Acesso em: 1 set. 2021.

A visão que não se tem e o olhar que se quer

Manual de orientações sobre a Inclusão de estudantes com baixa visão ⁸⁶

BRASIL. Ministério da Educação. **Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015**. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Disponível em: http://www.planalto.gov.br/CCIVIL_03/_Ato2015-2018/2015/Lei/L13146.htm. Acesso em: 1 set. 2021.

BRASIL. Ministério da Educação. **Lei nº 13.409, de 28 de dezembro de 2016**. Altera a Lei nº 12.711, de 29 de agosto de 2012, para dispor sobre a reserva de vagas para pessoas com deficiência nos cursos técnico de nível médio e superior das instituições federais de ensino. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2016/Lei/L13409.htm. Acesso em: 11 maio 2021.

A visão que não se tem e o olhar que se quer

Manual de orientações sobre a Inclusão de estudantes com baixa visão 87

BRASIL. Ministério da Educação. **Lei nº 14.126, de 22 de março de 2021**. Classifica a visão monocular como deficiência sensorial, do tipo visual. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2019-2022/2021/Lei/L14126.htm. Acesso em: 12 maio 2021.

BRASIL. Ministério da Educação. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L9394.htm. Acesso em: 10 maio 2021.

A visão que não se tem e o olhar que se quer

Manual de orientações sobre a Inclusão de estudantes com baixa visão 88

BRASIL. Ministério da Educação. **Resolução nº 04, de 2 de outubro de 2009.** Institui as Diretrizes Operacionais para o Atendimento Educacional Especializado na Educação Básica, modalidade Educação Especial. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/rceb004_09.pdf. Acesso em: 1 maio 2021.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica. Instituto Federal de Santa Catarina. **Resolução Consup nº 38, de 16 de dezembro de 2019.** Disponível em: http://cs.ifsc.edu.br/portal/files/consup_resolucao38_2019_Aprova_NAE_com_anexo.pdf. Acesso em: 6 maio 2021.

A visão que não se tem e o olhar que se quer

Manual de orientações sobre a Inclusão de estudantes com baixa visão ⁸⁹

BRASIL. Parâmetros Curriculares Nacionais: Adaptações Curriculares – Secretaria de Educação Fundamental. Secretaria de Educação Especial. Brasília, DF: MEC; SEF; SEESP, 1998.

Disponível em:

http://200.156.28.7/Nucleus/media/common/Downloads_PCN.PDF. Acesso em: 24 nov. 2021.

BRASIL. Presidência da República. Casa Civil. Decreto nº 7.611, de 17 de novembro de 2011. Dispõe sobre a educação especial, o atendimento educacional especializado e dá outras providências. Disponível em:

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2011/Decreto/D7611.htm. Acesso em: 1 set. 2021.

A visão que não se tem e o olhar que se quer

Manual de orientações sobre a Inclusão de estudantes com baixa visão ⁹⁰

BRASIL. Presidência da República. Casal Civil. **Decreto nº 6.949, de 25 de agosto de 2009**. Promulga a Convenção Internacional sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência e seu Protocolo Facultativo, assinados em Nova York, em 30 de março de 2007. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2009/Decreto/D6949.htm. Acesso em: 15 maio 2021.

BRASIL. Ministério da Educação. Inclusão. **Revista da Educação Especial**, Brasília, DF, Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva, Secretaria de Educação Especial, v. 4, n. 5, 2008c.

A visão que não se tem e o olhar que se quer

Manual de orientações sobre a Inclusão de estudantes com baixa visão ⁹¹

BRASIL. Ministério da Educação. **Documento Orientador Programa Incluir – Acessibilidade na Educação Superior**. SECADI/SESU, 2013. Disponível em:

http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=12737-documento-orientador-programa-incluir-pdf&category_slug=marco-2013-pdf&Itemid=30192. Acesso em: 1 set. 2021.

CAMARGO, Eder Pires de. Inclusão social, educação inclusiva e educação especial: enlaces e desenlaces. **Ciênc. educ. Bauru**, [s. l.], v. 23, n. 1, p. 1-6, mar. 2017. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-73132017000100001. Acesso em: 1 maio 2021.

A visão que não se tem e o olhar que se quer

Manual de orientações sobre a Inclusão de estudantes com baixa visão ⁹²

ESTRELA, Simone da Costa. Educação Profissional e Formação Omnilateral: das escolas de artífices ao projeto de ensino Integrado do Instituto Federal Goiano? CAMPUS POSSE. *In*: SEMINÁRIO NACIONAL SOBRE PROFISSIONALIZAÇÃO DOCENTE, 6., 2017, Curitiba. **Anais** [...]. Curitiba: [s. n.], 2017.

FRIGOTTO, Gaudêncio; CIAVATTA, Maria. Perspectivas sociais e políticas da formação de nível médio: avanços e entraves nas suas modalidades. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 32, n. 116, p. 619-638, jul./set., 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/zmF7QPkJ6yJB9wYpyHysNYD/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 8 nov. 2021.

A visão que não se tem e o olhar que se quer

Manual de orientações sobre a Inclusão de estudantes com baixa visão ⁹³

INSTITUTO FEDERAL DE SANTA CATARINA. **Ações inclusivas**. [2018?]. Disponível em: <https://www.ifsc.edu.br/acoes-inclusivas>. Acesso em: 28 out. 2019.

LIMA, Eva Lídia Maniçoba de; MEDEIROS NETA, Olivia Morais de. Inclusão de pessoas com deficiência visual no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte: formação docente e práticas pedagógicas. **Revista Humanidades e Inovação**, [s. l.], v. 7, n. 11, 2020.

A visão que não se tem e o olhar que se quer

Manual de orientações sobre a Inclusão de estudantes com baixa visão ⁹⁴

SÁ, Elizabet Dias de; CAMPOS, Izilda Maria de; SILVA, Myriam Beatriz Campolina. **Atendimento Educacional Especializado – Baixa Visão**. [S. l.]: [s. n.], 2007. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/aee_dv.pdf. Acesso em: 3 maio 2021.

SILVA, Luzia Guacira dos Santos. **Orientações para atuação pedagógica junto a alunos com deficiência**: intelectual, auditiva, visual, física. Natal: WP Editora, 2010. Disponível em: <https://image.slidesharecdn.com/orientacoesatuacaopedagogicajuntoalunosdeficienciavisualluziaguacira-151103024116-lva1-app6891/95/orientacoes-atuacao-pedagogicajuntoalunosdeficienciavisualluziaguacira-1-638.jpg?cb=1446518520>. Acesso em: 3 maio 2021.

A visão que não se tem e o olhar que se quer

Manual de orientações sobre a Inclusão de estudantes com baixa visão ⁹⁵

SONZA, Andréa Poletto; SALTON, Bruna Poletto; AGNOL, Anderson Dall. **Reflexões sobre o currículo inclusivo**. Bento Gonçalves: Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul, 2018.

A visão que não se tem e o olhar que se quer

Manual de orientações sobre a Inclusão de estudantes com baixa visão ⁹⁶